**As coincidências**

**José Saramago**

Não me presumo de espírito forte, mas também não sou daquelas inquietas pessoas atreitas a presságios, adivinhações, aragens secretas, que a toda a hora vivem ocupadas na decifração de mensagens d’aquém e d’além mundo, e com isto complicam a vida própria e moem a paciência alheia. Contudo, dão-se às vezes casos que fazem pensar que a vida não é nada simples, e que os seus caminhos são de tal modo semeados de desvios e armadilhas que muito é de espantar que não nos percamos nela a todo o momento. Uma coisa que muito me tem feito reflectir, como se fosse maravilha, vem a ser o mais corriqueiro que se pode conceber: o desastre de viação.

Explico melhor. Um homem sai de casa, pela manhã, despede-se da família, vai trabalhar, passa a manhã ocupado, sai para almoçar, volta ao emprego, leva a tarde nos seus afazeres, sai à hora, ou mais tarde, se fez serão, conversa com os amigos, passa pelo café, compra o jornal, toma o autocarro ou o elétrico, desce na paragem, vai pela sua rua, já vê a porta de casa – e de repente vem um automóvel e dá com ele no chão, malferido, senão pior.

E que fez durante o dia o condutor deste carro? Saiu de casa, se calhar também de manhã, entrou no automóvel, ligou o motor, arrancou, circulou pela cidade, foi trabalhar, entrou e saiu do escritório, viu gente, conversou, e em certa altura, ao fim do dia, teve de passar por uma rua que até nem ficava no seu caminho, mas havia obras, sentidos proibidos – e de repente surge-lhe um peão da direita, sente uma pancada, vê um vulto pelo ar. Uma desgraça.

Veja bem o meu leitor as voltas que estes dois homens deram durante o dia, um longe do outro, a horas desencontradas, tudo parecia afastá-los, e, no segundo preciso, começaram a aproximar-se, movidos sem disso se aperceberem pelo acaso, por uma fatalidade irónica, até àquele instante que não deveria poder acontecer, mas aconteceu. Pensa a gente nisto e perde a vontade de sair à rua.

Ou então está em casa (foi isto que me sucedeu a mim e é disto que venho falar hoje) a ler o jornal, as informações, a política internacional, os casos do mundo e de súbito dá com uma notícia insólita: o professor Paul. L. Cabell Junior, do estado de Michigan, suicidou-se pela harmoniа racial, pela paz. Estou a ler estas linhas, perturbado, e no mesmo momento ouço a voz do locutor na rádio: «Vamos transmitir a Ode à Paz de Haendel.»

E enquanto acabo a notícia erguem-se as vozes dos solistas e do coro, louvando a mesma paz por causa dа qual um homem, longe, longe, lá no Michigan (Estados Unidos da América), decidira dar um tirо na cabeça. Um homem que escrevera uma carta aos seus alunos, onde dizia: «Morro para vos lembrar, e a todos os jovens que sonham ser livres, que a paz só pode ser conseguida se trabalharem juntos para ela.»

Uma pessoa está tranquila na cidade de Lisboa, a ler o seu jornal, a ouvir a sua música, e, vá lá adivinhar porquê, juntam-se a notícia de longe e os sons de há duzentos anos – e é o mesmo voto, a mesma sede de paz e harmonia. Um homem perde-se em sangue por causa de um acto que parece loucura, outro homem juntou compassos que poderiam contar outra história – outro homem ainda, eu, o leitor, sabe tudo isto e fica confundido, sem saber o que pensar de um mundo que julgávamos tão pequeno e que, afinal, tem o seu tamanho multiplicado pelo número infinito de instantes que formam, juntos, o tempo do mundo.

Como hei-de fechar esta crónica? Parece que os factos deviam bastar, que devia deixá-los entregues à inteligência do leitor, para que deles tirasse as lições possíveis e, sobretudo, as necessárias. Mas alguma coisa me diz que não bastaria. Sobretudo, creio eu, porque esta música me parece um pouco mercenária, obra de encomenda para uma paz que talvez encobrisse uma futura guerra; sobretudo, porque a morte do professor Cabell, por mais belo que seja o testemunho, me deixa um ressaibo de inutilidade: a bala que o matou não cortará a trajetória de nenhuma das que se estão disparando neste mesmo momento.

Tudo para concluir que a Ode à Paz (afinal, talvez sinceríssima) não adiantará muito se ouvida distraidamente na rádio, fora do coração dos homens; que a defesa da paz pode ser feita pelos vivos morrendo, mas não será feita pelos vivos matando-se. Tudo para concluir que as coincidências, assim dispostas no mundo e no acaso, se me deram o tema desta crónica, merecem um melhor destino: o de levarem o leitor a meditar nestas coisas de paz e de guerra, a pensar nestes fios que não deveriam parecer misteriosos, mas que a toda a hora nos escapam das mãos.

Seguremo-los bem, já que das mãos de Haendel nem a poeira resta, e as mãos de Cabell ergueram uma arma contra si próprias – e arrefecem.